

## A ATENÇÃO DO CARTÓGRAFO E OS PROCESSOS DE FRACTALIZAÇÃO: UMA CARTOGRAFIA TEÓRICO-CONCEITUAL

MIGUEL DELANOY POLIDORI<sup>1</sup>; JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPeI – Universidade Federal de Pelotas – miguel.polidori@gmail.com

<sup>2</sup>UFPeI – Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende cartografar um percurso de estudo e de pesquisa iniciados em 2019, quando começamos a traçar aproximações entre o conceito de fractal, provindo da geometria fractal, e conceitos da filosofia da diferença. Embasados na filosofia da diferença, tendo como principais autores Deleuze e Guattari, acreditamos no que os autores chamam de uma *pedagogia do conceito*, que suscita a criação de conceitos singulares para resolver problemas também singulares, através da experimentação. Por me situar num limiar de formação que transita entre a computação e a psicologia, pensamos que tal filosofia pode nos servir de ferramenta para pensar o mundo e as pessoas nos tempos homogeneizados em que vivemos.

Ao se tensionar a fronteira entre duas disciplinas, quais sejam, a da filosofia da diferença/esquizoanálise e a da matemática fractal, inevitavelmente estaremos criando um novo plano para a criação de novos conceitos. Ou seja, partimos da tese de que todo conceito habita um plano de consistência, articulando-se a outros conceitos (DELEUZE & GUATTARI, 1991, p. 55). Isso quer dizer que os conceitos não cessam de percorrer intensivamente este plano de curvatura infinita, impondo-nos a tarefa de traçar suas movimentações, ao passo que eles transformam o plano, e o plano os dá consistência para existir. Essa existência, entretanto, nunca se dá individualmente ou hierarquicamente; os conceitos, em qualquer área do conhecimento, jamais são estanques, neutros ou desimplicados. A repetição do conceito fractal e derivações, como fractalização, foi utilizado algumas vezes na obra de Deleuze e Guattari, sempre em transformação, mas sobretudo utilizado para potencializar o pensamento da diferença. É isso que nos propomos a investigar neste trabalho, utilizando o método da cartografia. Como articulador entre os campos de saber, traremos o conceito de *atenção* trabalhado por Virginia Kastrup e autores vizinhos, importantes figuras teóricas contemporâneas do método da cartografia no Brasil.

### 2. METODOLOGIA

Para DELEUZE e GUATTARI (1991), o conceito possui três idades: a enciclopédia, a pedagogia e a formação profissional comercial. A primeira diz de uma noção universal já dada do conceito, “enciclopetizado”; a terceira, da captura do conceito pelas máquinas capitalísticas. A segunda nos é a mais valiosa, visto que a pedagogia do conceito suscita a criação de conceitos singulares para resolver problemas também singulares, através da experimentação. Buscamos aproximações entre a geometria fractal e os conceitos trabalhados na filosofia da diferença utilizando da cartografia enquanto método de pesquisa. A cartografia é um método que trabalha a partir da produção de subjetividade que se movimenta entre o pesquisador e seu objeto pesquisado, não mais encarando estes dois como opostos, mas como habitantes do mesmo plano de formas e forças onde seus contornos não cessam de interferir uns nos outros. Não mais se aposta na unidade das instâncias, mas em suas multiplicidades. Antes de partir da pergunta

“quais os benefícios para a psicologia de se aproximar os conceitos?”, partimos da ideia de que toda pista que apreendemos intuitivamente durante nossos estudos e vivências criam “referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa” (PASSOS et al., 2020, p. 13). Inverte-se assim o *metá-hódos* (metodologia, onde as metas são traçadas antes do caminhar), e aposta-se em um *hódos-metá*, em que a investigação da realidade deve ser feita através de um acompanhamento de percursos, implicação nos processos de produção de subjetividade, sempre situados em um espaço e um tempo. Não há certezas prévias sobre o que encontraremos nas terras que pisamos nossos pés.

Em nosso trabalho de 2019, foi realizado uma aproximação entre o conceito de fractal e de rizoma, e no ano de 2021 entre o conceito de fractal e de ritornelo. No decorrer deste período, aprofundando os estudos nas obras da filosofia da diferença, realizamos um levantamento da frequência da palavra “fractal” e derivados (fractalização, por exemplo). Com este elemento de frequência para nos auxiliar na cartografia, pretendemos aguçar nossa intuição e atenção para com referências bibliográficas dos clássicos. Ao percorrer os textos de Deleuze e Guattari, os estudos e leituras levaram-nos a comentaristas e pesquisadores contemporâneos. Daremos destaque àqueles envolvidos com o método da cartografia no Brasil, como comentado na introdução.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A problemática de como abordar as diferenças de escalas nos fenômenos não é de hoje. Isso foi um dos fatores que incentivaram o principal elemento da filosofia até então: a identidade. Barreiras bem delimitadas, dualidades localizáveis: sujeito x objeto, social x individual, macro x micro. Descartes apoia-se na geometria euclidiana para marcar a história da filosofia moderna. Benoît Mandelbrot, matemático francês de origem judaico-polonesa, através das ferramentas que dispunha ao trabalhar na IBM (empresa dos EUA, pioneira na criação e desenvolvimento dos primeiros computadores) começa a aventurar-se em problemas de descrição dos fenômenos naturais – os relâmpagos, as nuvens, a lava do vulcão, o cair da cachoeira, a medição de uma costa de um país, entre tantos outros. Nenhum desses fenômenos poderiam ser plenamente explicados por uma geometria de linhas regulares, figuras geométricas euclidianas, volumes e áreas bem definidas. Pelo contrário, são fenômenos da ordem de uma “geometria das reentrâncias, depressões, do que é fragmentado, torcido, emaranhado e entrelaçado” (GLEICK, 1989, p. 90). Uma geometria do infinito, o que não significa que os fenômenos não tivessem formas apreensíveis; significa que os fenômenos trazem consigo uma dimensão de mudança e transformação imanentes ao seu movimento e com suas vizinhanças, de auto-organização e de simetria de escala (o “todo” remete às partes, e vice-versa). Temos aí uma breve definição de um objeto fractal. Esta simetria de escala não quer dizer, entretanto, que teremos sempre a repetição do mesmo, e é aí que a filosofia da diferença articula-se com a geometria fractal. Como refletimos nos trabalhos anteriores, é a dimensão do movimento e da transformação da geometria fractal que nos interessa, e não sua analogia representacional enquanto estrutura, como se pudéssemos identificar “isto na psicologia é fractal, isto não é”. Passamos a falar de *fractalização*, aproximando o conceito do pensamento da diferença.

DELEUZE (1968), em seu clássico *Diferença e repetição*, monta sua tese derrubando esta tradição. Para ele, o pensamento não se daria por uma lógica

cartesiana do “penso, logo existo”, a lógica predominante da representação. O pensamento seria movido pela diferença, de uma violência com a representação; pensar é rasgar o plano da identidade e das imagens, é ir além da imagem do pensamento, onde o mesmo nunca é idêntico à sua versão anterior, sempre havendo diferenças, *constrangendo* a hegemonia sobre a qual as faculdades do pensamento apoiam-se no encontro com um objeto. Se Deleuze e Guattari invocam dualidades no decorrer de sua obra (plano de consistência x conceito, espaço liso x espaço estriado, macropolítica x micropolítica), é somente para “atingir um processo que se recusa todo modelo. [Os dualismos são] o inimigo necessário, o móvel que não paramos de deslocar.” (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p. 42). Ao vermos um dualismo em sua obra, já podemos intuir: um “polo” não para de intervir no outro, de transformar (n)o outro, e é somente através de um que o outro se desenvolve. Não temos mais polos, mas sim uma rede, um rizoma. Até a escrita de *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari, aliados a Bergson, Leibniz e Espinosa, utilizaram o cálculo diferencial para pensar esta relação entre a diferença e a repetição. Não é a toa que em *Mil Platôs*, publicado em 1980, faz a primeira referência na filosofia diferença à geometria fractal de Mandelbrot, já que o neologismo fractal<sup>1</sup> fora inventado somente cinco anos antes.

É na conceituação do espaço liso e do espaço estriado que Deleuze e Guattari utilizam os objetos fractais como modelo. Trata-se de uma problemática sobre a distribuição da terra e da formação dos territórios existenciais: territórios do pensamento, da política, da ética, da produção desejante... e, por que não, das políticas de cognitividade e da atenção. Diz Lapoujade: “O espaço liso é como o sem-fundo de *Diferença e repetição*, é um *spatium* intenso, vulcânico, em oposição à *extensio* própria do espaço estriado.” (LAPOUJADE, 2015, p. 61). Espaço liso das intensidades, das irregularidades e daquilo que a diferença engendra; mas, para agirmos com a diferença no mundo, para fomentar novos e incentivar os já existentes modos de existência, é necessário um “céu para fixar a terra, para englobá-la relativamente (ou totalmente).” (LAPOUJADE, 2015, p. 62). No espaço estriado é onde temos a referência para realizar um progresso, mas é no espaço liso que há a abertura para a produção de um devir, e é neste ponto que Deleuze e Guattari atribuem aos objetos fractais um potente modelo para criarmos esta imagem do pensamento que tenta dar conta desta eterna reciprocidade entre forças e formas, macro e micro, liso e estriado.

Se a tarefa do cartógrafo é apreender as transformações dos territórios existenciais ao passo que neles intervém, acreditamos que o conceito de fractalização pode ser nosso aliado. Para KASTRUP (2020), praticar a cartografia envolve lidar com metas em variação contínua, e para isso, devemos lançar mão de uma percepção háptica: uma visão em que não vigora a organização figura-fundo, mas onde os componentes se conectam por vizinhança num mesmo plano. Para a percepção háptica, além da visão, todo o corpo e sua multiplicidade sensorial deve ser posta a trabalhar. O macro e o microcontexto da pesquisa cartográfica “funcionam de acordo com uma lógica recursiva, engendrando-se de modo recíproco.” (KASTRUP, 2020, p. 38) – propriedade fractal. A autora propõe, então, quatro variedades da atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio seria um gesto de varredura do campo, perceber hapticamente um movimento e começar a acompanhá-lo. O toque é

---

<sup>1</sup> GLEICK (1989) pondera que não foi Mandelbrot que inventou a geometria fractal “do zero”. Estudos como o de Cantor e Koch, ainda no século XIX, já exploravam a dimensão da complexidade infinita e simetria de escala no floco de neve, por exemplo. Ainda assim, é Mandelbrot quem cunha o substantivo e adjetivo *fractal*, mistura de *frangere* do francês: quebrar, fraturar, e *fracture* e *fraction* do inglês: fratura e fração.

quando *algo acontece* e exige-nos a atenção: percebemos a indeterminação e variância daquele fenômeno, quando o que se destaca não é uma figura, mas uma rugosidade, uma irregularidade. O pouso indica que a percepção realiza uma parada e damos um “zoom”, criamos uma janela, um centro atencional. Mas esta janela logo se mostrará passagem para outras janelas: “Cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes.” (KASTRUP, 2020, p. 44). Ao percorrer estas janelas, o reconhecimento atento envolve a memória no sentido bergsoniano: desmonta-se a ideia tradicional que o reconhecimento se dá no rebatimento de uma imagem prévia ou esquema consolidado. Muito pelo contrário, este processo não é linear, tampouco previsível, de modo que a memória passa a ter um papel criador e diferenciador, condensando-se no presente, comportando um folheado fractal do fenômeno que se refaz a cada interação entre a memória e a percepção. O resultado disso é um reconhecimento sem modelo mnésico preexistente. A síntese destes quatro gestos ocorrendo simultaneamente configura o que defendemos como uma atenção sensível aos processos de fractalização.

#### 4. CONCLUSÕES

Cartografando este cenário conceitual, apoiamo-nos na ideia de que a atenção, assim como as outras ferramentas disponíveis à criação do cartógrafo em sua trajetória, falam de um construtivismo. Se estamos falando em construtivismo, falamos em implicação, e conseqüentemente em uma postura ética e política sobre a forma com que vemos e intervimos no mundo. KASTRUP (2020) refere-se a esta problemática evidenciando que toda prática é atravessada pelo que chama de *políticas da cognição*. Tais políticas revelam-nos as relações de forças que estão em jogo nas nossas práticas. Pesquisamos diversos desdobramentos sobre a fractalização na filosofia da diferença, mas para este trabalho focamos no contexto da cartografia, e concluímos que o conceito de fractalização auxilia-nos em dois pontos: 1) a perceber essas políticas, colocando-nos à questão sobre quais políticas cognitivas estamos incentivando em nossas práticas (atualizando suas fractalizações) e 2) a potencializar uma imagem do pensamento da diferença capaz de apreender as transformações que se dão no território, contribuindo para o próprio método da cartografia.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs**, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1980.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.
- GLEICK, J. **Caos: a criação de uma nova ciência**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1989.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2020. p. 32-51.
- LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: N-1, 2015.
- PASSOS, E., KASTRUP, V. & ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2020. p. 32-51.